

A língua inglesa e a formação de mestres e doutores na área da saúde

English proficiency and graduate studies in the health field in Brazil

Sonia Regina Abdalla Iglesias¹

Nildo Alves Batista¹

RESUMO

Este trabalho investiga a língua inglesa como requisito na formação dos pós-graduandos da Universidade Federal de São Paulo, analisando os rendimentos acadêmicos no exame de proficiência e nas autoavaliações em relação à língua, bem como a importância que esses alunos atribuem ao inglês nessa fase de formação. Desenvolveu-se uma pesquisa exploratória com abordagens quanti e qualitativa, análise documental, questionários e entrevistas. Identificou-se que os pós-graduandos se autoavaliam como bons leitores, consideram imprescindível o domínio da língua inglesa em seu cotidiano profissional e reconhecem que a maioria das pesquisas na área da saúde é veiculada em inglês. Seus rendimentos no exame de proficiência mostram que, de cada quatro alunos, um é reprovado na primeira tentativa; falam e escrevem pouco, e a maioria necessita de outro profissional para elaboração do *abstract*. Consideram o domínio da língua inglesa fundamental para profissionais que buscam se destacar num mundo competitivo, mas a exigência formal na pós-graduação é considerada uma sobrecarga. Entendemos que o inglês não é a língua dominante para a maioria dos pesquisadores, o que ocasiona um dilema para leitores e autores que querem atrair o interesse para seu trabalho. Apesar de a língua inglesa ser reconhecida como a língua franca da ciência e mediar o atual processo de publicação científica, esta discussão tem sido crescente e polêmica.

ABSTRACT

This article analyzes English proficiency as a requirement for graduate studies at the Federal University in São Paulo, Brazil, analyzing students' performance on the proficiency test and their self-assessment and the importance they ascribe to the language during this phase of their training. An exploratory study was conducted with quantitative and qualitative approaches, document analysis, questionnaires, and interviews. Graduate students rated their own English reading skills as good. They considered a command of the language essential for their professional work and acknowledged that most research in the health field is published in English. One out of four students failed the proficiency test on the first attempt. Their speaking and writing skills were limited, and the majority needed another professional to prepare an abstract in English. They considered a command of English essential for professionals seeking to stand out in a competitive world, but viewed the formal English requirement for graduate studies as an overburden. English is not most researchers' first language, thus creating a dilemma for readers as well as authors who wish to attract attention to their work. Although English is acknowledged as the lingua franca of science and mediates the current scientific publication process, the issue has become increasingly controversial.

PALAVRAS-CHAVE

- Educação de pós-graduação
- Comunicação e divulgação científica
- Tendências

KEY WORDS

- Education, Graduate
- Scientific Communication and Diffusion
- Trends

Recebido em: 16/10/2008

Reencaminhado em: 24/06/2009

Aprovado em: 29/06/2009

¹ Universidade Federal de São Paulo, Centro de Desenvolvimento de Ensino Superior em Saúde, São Paulo, SP, Brasil.

INTRODUÇÃO

A globalização do mundo moderno abrange muitos campos, incluindo o da ciência, o que demanda uma comunicação internacional uniforme nessa área e, conseqüentemente, um idioma compatível. A pós-graduação, principal propulsora da ciência, tem se comprometido com a publicação frequente de artigos científicos, propagando e difundindo as conclusões geradas nas pesquisas.

A qualidade de um artigo científico e sua visibilidade encontram bom grau de êxito quando este é divulgado em revistas científicas reconhecidas internacionalmente¹. Volpato e Freitas² corroboram essa posição ao afirmarem que os artigos científicos devem visar às comunidades nacional e internacional.

Ainda no início da década de 1980, Garfield³ constatava que 88% de 605 mil artigos indexados na época eram escritos em inglês. A tendência de predominância desse idioma se mantém. Mesmo a base de dados Pascal, produzida pelo Institut de l'Information Scientifique et Technique (Inist) e autodeclarada multilíngue, traz, a despeito de uma forte tendência em favor da literatura francesa, 76% dos documentos repertoriados em inglês⁴.

Forattini⁵ considera o inglês como a “língua franca da ciência”. Ele comenta sua adoção em publicações científicas partindo da definição da palavra “franca”, que implica o significado de franquia, presente em expressões como “entrada franca”, “sinal verde”, “acesso irrestrito”, “ausência de limites” e outras. Ao se pensar em “língua franca”, subentende-se, assim, um modo de expressão, escrito ou verbal, que permita a comunicação entre diferentes povos e nações.

Em 2003, 97% das indexações no Institute for Scientific Information (ISI) estavam em inglês⁶. Kotzin⁷, avaliando a base de dados Medline, identificou que 84% das publicações em revistas médicas indexadas em 2005 estavam em inglês. O banco de dados PubMed⁸, que publica a produção da literatura internacional na saúde, divulgou, entre os anos de 1956 e 2006, 4.999.025 artigos científicos, sendo que em 81% deles a língua inglesa foi o idioma utilizado. Sousa Escandón *et al.*⁹ sugerem que todos os artigos indexados na base Medline devem estar escritos em inglês até 2014.

Man *et al.*¹⁰ comentam que as pesquisas na área médica de países de língua inglesa têm a vantagem de melhor articular seus dados, tornando os manuscritos de pesquisas médicas mais aceitáveis para publicação. Num estudo realizado por Hefler *et al.*¹¹, os países de língua inglesa lideram as publicações em relação a países em que o inglês não é a língua nativa.

Para Vasconcelos *et al.*¹², a habilidade de se comunicar utilizando a língua inglesa pode ser associada à sobrevivência acadêmica do pesquisador, destacando a relevância da qualidade

na escrita. Para a autora, o inglês certamente é necessário para a visibilidade da pesquisa no cenário internacional.

Num estudo preliminar com pesquisadores registrados na base de dados do CNPq, Vasconcelos *et al.*¹³ analisaram a relação entre a proficiência do inglês de 51.223 pesquisadores e suas publicações em revistas internacionais de 1997 a 2004. Os principais achados indicaram que a taxa de publicação é maior entre autores com bom domínio de inglês, sugerindo que não se deve subestimar a correlação entre proficiência na escrita e produtividade na pesquisa.

Para desenvolver a produção científica nacional de modo a aproximar o Brasil dos “grandes países produtores de conhecimento”, a pós-graduação tem sido o lócus privilegiado. De acordo com o Plano Nacional de Pós-Graduação - PNPG 2005-2010¹⁴, ela

“[...] representa uma referência institucional indispensável ao fortalecimento do potencial científico-tecnológico nacional”. Nesse Plano, a relação entre pós-graduação e pesquisa é explicitada, ainda, na seguinte formulação: “os dados disponíveis demonstram, sobremaneira, que é no interior do Sistema Nacional de Pós-Graduação que, basicamente, ocorre a atividade da pesquisa científica e tecnológica brasileira” (p. 8).

A pós-graduação da Universidade Federal de São Paulo, atualmente direcionada a pesquisas relacionadas às ciências da saúde, exige, como requisito para obtenção do título de mestre ou doutor, um exame de proficiência em inglês, a elaboração de um artigo científico a partir dos resultados da pesquisa e sua submissão a uma revista indexada.

Os objetivos deste trabalho foram analisar o rendimento acadêmico dos pós-graduandos da Unifesp no exame de proficiência da língua inglesa, conhecer a importância que esses pós-graduandos atribuem ao inglês nessa fase de formação acadêmica e investigar como se autoavaliam em relação ao domínio da língua.

METODOLOGIA

Desenvolveu-se uma pesquisa exploratória, com abordagens quantitativa e qualitativa, com uma amostragem de 120 pós-graduandos da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), matriculados em cinco turmas da disciplina Formação Didático-Pedagógica em Saúde, oferecida pelo Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (Cedess) e obrigatória para todos os cursos de pós-graduação da Unifesp, durante o ano de 2005. Essa população era formada por profissionais na faixa etária de 21 a 58 anos, sendo 78 do sexo feminino e 42 do masculino. Dentre eles, 89 cursavam o mestrado, e 31 o doutorado.

Essa população era oriunda, predominantemente, do ensino médio em escola privada, possuía título de especialização e 50% dela exercia atividade docente. Todos estavam vinculados à área da Saúde e eram egressos de diferentes cursos de graduação.

Para conhecer a importância atribuída ao inglês na formação profissional dos pós-graduandos e investigar como se autoavaliavam em relação ao domínio da língua inglesa, aplicou-se um questionário com dez questões fechadas com alternativas preestabelecidas e dez assertivas em que os sujeitos apontaram seu grau de concordância, conforme a escala de Likert. Os dados obtidos por meio do questionário foram tabulados e expressos em gráficos e/ou tabelas. A partir de uma primeira análise desses dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas de aprofundamento com 12 pós-graduandos. Partiu-se do pressuposto apontado por Minayo¹⁵ de que, para uma amostragem qualitativa, o “[...] critério não é numérico. Podemos considerar que uma amostra ideal é aquela capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões”, a partir de “[...] um número suficiente para permitir uma certa reincidência das informações” (p. 102).

Na elaboração do roteiro da entrevista, foram estabelecidos os seguintes núcleos direcionadores: aprendizagem da língua inglesa; compreensão global do idioma; exigência da língua inglesa na pós-graduação; relação da compreensão do idioma com o sucesso/atualização profissional.

Os dados obtidos nas entrevistas foram submetidos a análise de conteúdo, cumprindo as seguintes etapas: leitura exaustiva de todo o material; seleção dos depoimentos correspondentes a cada núcleo direcionador; identificação de unidades de contexto e de registro; identificação de categorias emergentes do campo¹⁶.

Foi feita também uma análise dos relatórios dos exames de proficiência na língua inglesa realizados por todos os pós-graduandos da Unifesp entre os anos de 2002 e 2005 na escola Cultura Inglesa. Nesse período, foram realizados 12 exames (três por ano), aos quais compareceram, em média, 200 pós-graduandos por exame (total de 2.437 participantes). Analisou-se o percentual de aprovação por exame. O número de vezes que os pós-graduandos das turmas de 2005 realizaram o exame para obter aprovação foi levantado a partir da consulta às listas de candidatos reprovados nos três anos anteriores (2002, 2003 e 2004).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo de aprendizagem da língua inglesa, é comum fazer uma distinção entre língua-mãe (a primeira língua que se aprende), segunda língua (adquirida por imigrantes que residem em país de língua inglesa) e língua estrangeira (quando estudada em países não anglófonos). Com base nessa distinção, Pennycook¹⁷

considera os falantes nativos, os falantes de inglês como segunda língua e os falantes de inglês como língua estrangeira.

Nesta pesquisa, verificou-se que a maioria dos alunos de pós-graduação da Unifesp é falante de inglês como língua estrangeira. No processo de aprendizagem da língua, 87,5% dos pós-graduandos, além da escolaridade básica, frequentaram espaços formais dedicados especificamente ao ensino do inglês.

Dos 120 pós-graduandos, 70 afirmam ter tido experiências vivenciais no processo de aprendizagem do idioma, destacando viagens a países de língua inglesa, sendo que 10% deles referem ter realizado intercâmbios, com consequente estadia por tempo limitado, e 14% afirmam ter residido por tempo determinado no exterior, configurando um aprendizado adquirido por meio da interação humana em ambiente de cultura estrangeira. A participação em congressos internacionais, nos quais a língua inglesa é oficial, foi mencionada por quase metade dos entrevistados (46%). Quanto à presença de titulação por meio do exame de proficiência, 33% relatam serem portadores de título.

A expressão “proficiência”, no dicionário *Novo Aurélio*, tem conotação de domínio de conhecimento – ser proficiente é ter perfeito conhecimento, ser profícuo. Para Zanella¹⁸, no entanto, o “nível de proficiência e objetivo de ser proficiente dependerá da atividade em que a proficiência será utilizada ou avaliada” (p. 32).

Krashen¹⁹ comenta que a proficiência em língua estrangeira não resulta, necessariamente, do acúmulo de informações e conhecimento a respeito de regras gramaticais, podendo ocorrer tanto pelo estudo formal, por meio de um processo progressivo e cumulativo (*language learning*), como por assimilação natural, fruto de interação em situações de convívio de que o aprendiz participa como sujeito ativo (*language acquisition*). Observou-se que uma grande proporção (84%) dos pós-graduandos investigados neste estudo tem oportunidade prévia de aprendizado da língua inglesa nas duas dimensões apresentadas.

De 2002 a 2005, dos 2.437 pós-graduandos que prestaram o exame obrigatório para avaliação de conhecimento específico da língua inglesa, 1.828 foram aprovados. Ou seja, em média, de cada quatro pós-graduandos, um é reprovado na primeira tentativa. Esse percentual é mantido em todos os exames, com uma variação de 18% a 33% de reprovações (Gráfico 1).

Dos 328 pós-graduandos aprovados em 2005, 34 conseguiram a aprovação a partir, no mínimo, de uma segunda tentativa (variação: mínimo de duas e máximo de seis vezes). Dos 132 pós-graduandos reprovados naquele ano, 36 realizavam a prova, no mínimo, pela segunda vez (variação: mínimo de duas e máximo de cinco vezes).

Quando questionados especificamente sobre a elaboração do *abstract* de artigos ou da própria tese, 77% dos entrevistados afirmaram necessitar de ajuda específica (Gráfico 2).

Gráfico 1
Rendimento dos pós-graduandos no exame de proficiência obrigatório.

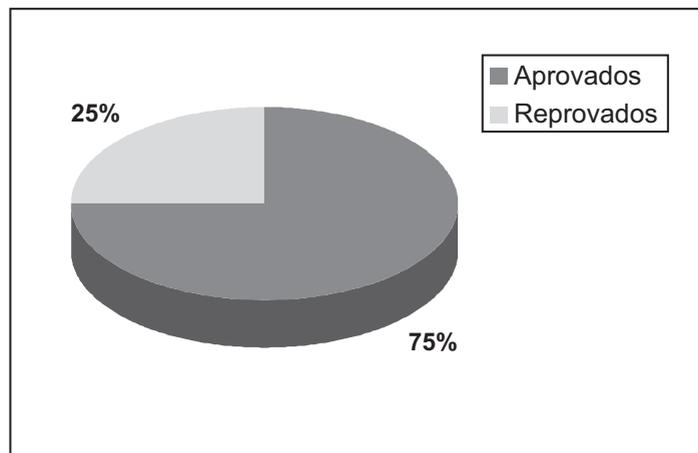
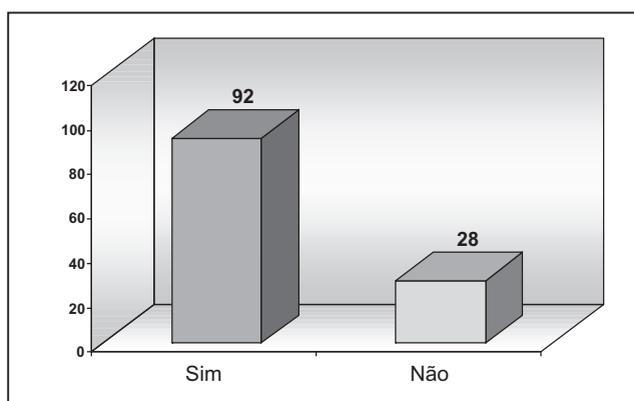


Gráfico 2
Necessidade de auxílio para elaboração do *abstract*.



Na análise específica da capacidade de ler, falar, escrever e compreender o idioma, verificou-se uma distribuição heterogênea na população pesquisada. A maioria dos pós-graduandos (95%) se autoavalia como leitores razoáveis e bons, mas com capacidade de fala ou escrita comprometida (Gráfico 3).

Vasconcelos *et al.*¹³, ao investigarem a habilidade dos pesquisadores do CNPq com a língua inglesa, observaram que 44% deles se consideram bons na escrita, e 13% ruins. A habilidade de compreensão e leitura mostrou-se maior do que a da escrita. Também foi encontrada correlação entre a boa escrita e o número de publicações aceitas no período analisado.

A maior habilidade para a leitura reflete uma tradição histórica de políticas educacionais nacionais nessa área. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais para Língua Estrangeira (PCN-LE), reconhece-se que o uso da língua, em nosso país, está mais relacionado a essa habilidade do que às outras²⁰.

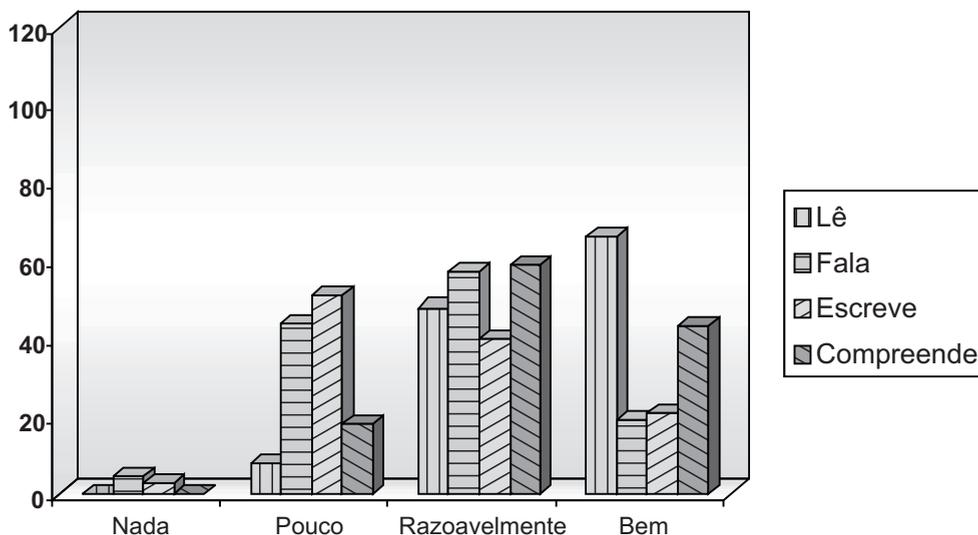
A maioria dos pós-graduandos (84%) reconhece a importância da língua inglesa nas atividades acadêmicas da pós-gradua-

ção, identificando-a como facilitadora do processo de pesquisa e de ensino-estudo-aprendizagem dos conteúdos disciplinares. O domínio do inglês é imprescindível nos cotidianos profissionais de 78,3% dos pós-graduandos investigados. Neste sentido, consideram que aprender inglês é fundamental para profissionais que buscam se destacar no mundo competitivo.

Essa posição encontra embasamento em autores como Zanella¹⁸, para quem o indivíduo que não tenha o conhecimento desse idioma terá dificuldade em cursar a pós-graduação, “tornando-se a língua estrangeira, neste caso, um diferencial edificador para a construção do saber” (p. 62).

Noronha²¹ pondera que: “mesmo desenvolvendo trabalhos de pesquisa de interesse local ou nacional, [os pós-graduandos] não podem prescindir do domínio do inglês, cujas publicações, em especial os artigos de periódicos, são de fundamental importância no desenvolvimento de suas pesquisas” (p. 14).

Gráfico 3
Autoavaliação do domínio da língua inglesa.



Para Schutz²², “o conhecimento e proficiência na língua global é hoje uma qualificação básica do indivíduo, tanto para sua carreira acadêmica quanto profissional” (p. 6).

Apesar do reconhecimento quase unânime da importância da língua inglesa, 63,3% dos pós-graduandos não aprovam a exigência da prova de língua estrangeira para a obtenção dos títulos de mestre e doutor, considerando-a uma sobrecarga nessa fase da formação acadêmica. Um dos pós-graduandos aponta uma tendência de diminuição do uso dominante da língua inglesa em função do próprio fenômeno da globalização.

Para Hwang²³, o uso de uma linguagem comum é essencial às atividades científicas internacionais. O uso do inglês por cientistas não nativos na língua inglesa pode exacerbar sua posição mais baixa na estrutura hierárquica internacional (de centro a periferia). A razão de terem que usar o inglês, com maior dispêndio de esforço e tempo, está intimamente relacionada a seus contínuos esforços para serem reconhecidos por ter compatibilidade de qualidade internacional e obter alta reputação. A fragilidade do idioma pode demonstrar que os cientistas não nativos são maiores consumidores do que contribuintes da ciência.

Para o autor, entretanto, o uso de uma língua comum não pode ser visto apenas como um problema técnico de escolha de uma língua entre tantas outras. O uso de uma língua, em particular nas atividades científicas internacionais, representa a interação de atores sociais científicos e suas relações de poder.

Meneghini e Packer²⁴ sugerem um sistema de publicação bilingüe para pesquisadores não nativos em inglês, em que muitos se beneficiariam se os artigos fossem publicados na sua língua

original e em inglês. Esse sistema de publicação pode ser o primeiro passo para romper a barreira da comunicação científica.

Os autores relatam que apenas nove dentre os últimos 25 vencedores do Prêmio Nobel de Literatura escreveram suas obras em inglês; os outros 16 escreveram em sua língua nativa, mas tiveram que traduzi-las para o inglês a fim de obterem reconhecimento internacional. Os tradutores enfrentaram a árdua tarefa de converter o texto original considerando a diferença semântica, sintática e até cultural, para aumentar a visibilidade das obras.

Graddol²⁵ acredita que “se manterá um certo pluralismo, mesmo que assimétrico, entre as grandes línguas internacionais, que se transformará de maneira dinâmica em alguns anos com o surgimento de outras potências”.

De fato, a atual universalidade da língua inglesa reflete, de modo *sui generis*, a própria evolução (e as contradições...) do mundo globalizado. Nesse sentido, Ianni²⁶ afirma que:

Nessa altura da história, paradoxalmente, todos se entendem. Há mesmo uma língua comum, universal, que permite um mínimo de comunicação entre todos. A despeito das diversidades civilizatórias, culturais, religiosas, linguísticas, históricas, filosóficas, científicas, artísticas e outras, o inglês tem sido adotado como a vulgata da globalização. Nos quatro cantos do mundo, esse idioma está no mercado e na mercadoria, na imprensa e na eletrônica, na prática e no pensamento, na nostalgia e na utopia. É o idioma do mercado universal, do intelectual cosmopolita, da epistemologia escondida no computador, do Prometeu eletrônico. (p. 21)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A globalização e o conseqüente aumento do intercâmbio entre as nações, nos negócios, no turismo, nas informações, colocaram em destaque a formação especializada e o conhecimento de línguas, em especial as de maior utilização internacional. Considerando a relevância da língua estrangeira para o desenvolvimento profissional na atualidade, ser proficiente está diretamente associado a aspectos como competências e habilidades, objetivos e contextos.

O uso do inglês se tornou uma ferramenta indispensável para os cientistas não nativos em inglês obterem competência e reputação. Entendemos que, mesmo que o inglês seja a língua dominante da ciência, não o é para a maioria dos pesquisadores, o que ocasiona um dilema para leitores e autores que querem atrair o interesse para seu trabalho, tanto nacional como internacionalmente.

A disseminação da língua inglesa no mundo moderno é muito ampla e abrange atividades de trabalho, lazer, ensino e pesquisa, entre outras. Um editorial da revista *PLoS Medicine – Public Library of Science Medicine*²⁷ afirma que o inglês é, atualmente, a língua franca das ciências da Saúde e da Vida.

Na pós-graduação na área da Saúde, a maioria dos pós-graduandos considera e reconhece que: a língua inglesa é importante tanto na sua formação quanto na sua prática profissional; as leituras realizadas na pós-graduação incentivam o aprofundamento do conhecimento da língua; a grande maioria das pesquisas na área da Saúde é veiculada em inglês, e especificamente nessa fase de formação não saber inglês é um obstáculo; é imprescindível o conhecimento do idioma tanto para a busca de informações quanto para o desenvolvimento de uma pesquisa científica, sendo impossível concluir a pós-graduação apenas com a realização de leituras em língua portuguesa; a língua inglesa é necessária para publicação e divulgação científica na área da Saúde.

Ao se analisar o rendimento desses pós-graduandos no exame de proficiência exigido na pós-graduação, percebe-se que, de cada quatro alunos, um é reprovado na primeira tentativa; apesar de a quase totalidade se autoavaliar como bons leitores, especificamente na leitura técnica, falam e escrevem pouco; consideram a exigência curricular da língua estrangeira uma sobrecarga nessa fase de formação; e a maioria necessita de outro profissional para elaboração do *abstract*.

Transitar pela literatura nacional e internacional, por meio de textos, artigos, livros e outros materiais nos possibilitou compreender que há uma discussão atual e polêmica sobre o tema língua inglesa como mediadora do processo de pesquisa científica.

Concordamos com os comentários de Katchburian²⁸ sobre a questão controversa da atual tendência existente entre a relação língua inglesa e publicação científica, na qual o que não está publicado no ISI simplesmente é desconsiderado, e, assim, qualquer matéria publicada em outra língua que não o inglês é desprezada.

Acreditamos que este tema é um desafio para a pós-graduação no Brasil. O uso do idioma inglês como língua franca da ciência é e continuará sendo, por muito tempo, a tendência mundial. Apesar da possibilidade de mudança deste panorama com a valorização do nosso idioma na divulgação da ciência, concordamos com Forattini⁵, ao comentar que isto:

[...] deve sê-lo dentro do contexto da evolução cultural do país, ou seja, da população que o povoa. Para tanto, há de se estimular as gerações futuras, no sentido de valorizar as conquistas culturais que foram feitas e chegar a outras, possibilitando assim que seu idioma alcance a tão sonhada franquia científica. (p. 7)

REFERÊNCIAS

1. Forattini OP. A Tríade da Publicação Científica. Rev Saúde Pública [periódico na Internet]. 1996 [acesso em 11 jun. 2005];30(1):[aproximadamente 9p.]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s003489101996000100002&ing=pt&nrm=iso
2. Volpato GL, Freitas EG. Desafios da Publicação Científica. *Pesqui Odontol Bras* [periodico na Internet]. 2003 [acesso em 10 jun. 2005];17(Supl.1): [aproximadamente 8p.]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-74912003000500008&script=sci_arttext
3. Garfield E. Mapping Science in the Third World. Part. 1. Science and Public Policy [periodic na Internet]. 1983 [acess 2005 jun. 03]; 10(3);112-27. Available: <http://www.garfield.library.upenn.edu/essays/v6p254y1983.pdf>
4. Centro Franco-Brasileiro de Documentação Técnica e Científica. Dossiê Cendotec. [online]. 2004. [acesso em: 31 maio 2008]. Disponível em: <http://www.cendotec.org.br/dossier/cendotec/basededados.pdf>
5. Forattini OP. A Língua Franca da Ciência. Rev Saúde Pública [periódico na Internet]. 1997 [acesso em 06 jun. 2005];31(1): [aproximadamente 6p.]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s003489101997000100002&ing=pt&nrm=iso
6. Jaffe S. No pardon for poor english in science. *Scientist*. 2003;17(5):44.

7. Kotzin S. Journal selection for Medline. World Library and Information Congress: 71th IFLA General Conferenc and Council "Libraries: a voyage of discovery." Available at: <http://www.ifla.org/IV/ifla71/papers/174e-Kotzin.pdf>
8. National Library of Medicine. PubMed from National Library of Medicine: data banks. Bethesda, Maryland: National Library of Medicine. [online]. 2000 [acesso em 25 maio 2006]. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.gov/pubmed>.
9. Sousa Escadon MA, Gonzáles Guitian C, Gonzáles Fernandes MM. [Which language Will Medline speak in the next Millennium?] Arch Esp Urol. 2000;53(2):93-9
10. Man JP, Weinkauff JG, Tsang M, Sin DD. Why do some countries publish more than others. An international comparison of research funding, English proficiency and publication output in highly ranked general medical journals. Eur J Epidemiol. 2004;19(8):811-7.
11. Hefler L, Tempfer C, Kainz C. Geography of biomedical publications in the European Union, 1990-1998. Lancet. 1999;353:1856
12. Vasconcelos Sonia MR. Writing up a research in english: choice or necessity.? Rev Col Bras Cir periodic na Internet]. 2007 [acess 2009 May 09];34(1): [aproximadamente 3p.]. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-69912007000100013&lng=en.
13. Vasconcelos SMR, Sorenson MM, Leta J. Scientist-friendly policies for non-native English-speaking authors: timely and welcome. Braz J Med Biol Res [periodic na Internet]. 2007 [acess 2009 mai 04];40(6):[aproximadamente 4p.]. Available: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-879X2007000600001&lng=en.
14. Brasil. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) 2005-2010 [online]. Brasília: MS; 2004. [acesso em 04 jun. 2008]. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/result.jsp?index=capes&field=title&field=keywords&field=description&field=content&query=pesquisa+e+p%C3%B3s-gradua%C3%A7%C3%A3o>
15. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde. 6ª ed. São Paulo: Hucitec; Abrasco; 1999.
16. Franco MLPB. Análise de Conteúdo. Brasília: Plano Editora; 2003.
17. Pennycook A. The cultural politics of English as an international language. London: Longman Group Limited; 1994.
18. Zanella DAV. A Exigência da Proficiência em Língua Estrangeira na Pós-Graduação em Educação. São Paulo; 2003. Mestrado [Dissertação] – Universidade de Sorocaba.
19. Krashen S. Second Language Acquisition and Second Language Learning [online]. 2002. [acess em 2005 mai. 25]. Available: http://www.sdkrashen.com/sl_acquisition_and_learning/index.html.
20. Stella ER. As Propostas dos PCN-LE e a Prática Pedagógica do Professor de Inglês. São Paulo; 2005. Mestrado [Dissertação] – Universidade Cidade de São Paulo.
21. Noronha DP. Análise das Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado em Saúde Pública (1990-1994): estudo exploratório. Ci Inf [periódico na Internet]. 1998 [acesso em 24 abr. 2006];27(1): [aproximadamente 12p.]. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100196519980001000009&lng=en&nrm=iso.
22. Schütz R. Rumos para o Ensino de Línguas no Brasil [online]. 2006 [acesso em 02 maio 2006]. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk-perg8.html>.
23. Hwang K. The inferior science and the dominant use of English in knowledge production: a case study of Korean Science Technology. Sci Commun [periódico na Internet]. 2005 [acess 2009 mai 14];26:390. Disponível em: <http://scx.sagepub.com/cgi/content/abstract/26/4/390>
24. Meneghini R, Packer AL. Is there science beyond English? Initiatives to increase the quality and visibility of non-English publication might help to break down language barriers in scientific communication. EMBO Rep. 2007;8(2):112-6
25. Graddol D. The Future of English? A Guide to Forecasting the Popularity of the English Language in the 21st Century [online]; 1997 [acess 2006 mai 24]. Available: <http://www.britishcouncil.org/english/pdf/future.pdf>.
26. Ianni O. A Era do Globalismo. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1999.
27. Plos Medicine. Ich weiss nitch was soll es bedeuten: language matters in medicine [Editorial]. Plos Medicine [periódico na Internet]. 2006 [acess 2006 mai 24];3(2):E122. Available: http://medicine.plosjournals.org/archive/15491676/3/2/pdf/10.1371_journal.pmed.0030122-1.pdf.
28. Katchburian E. Publish or Perish: a provocation. Sao Paulo Med J. 2008;126(3):202-3

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Sonia Regina A. Iglesias e Nildo Alves Batista participaram da concepção e definição deste estudo, da análise e interpretação dos dados, assim como da redação do texto.

CONFLITO DE INTERESSES

Declarou não haver.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Sonia Regina Abdalla Iglesias

Av. Jacutinga, 120 – apto 104

Moema – São Paulo

CEP. 04515-030 SP

E-mail: sonia.abdalla@unifesp.br